

IMAGINÁRIOS URBANOS E O GRUPO LGBTQI+: A COMPREENSÃO DAS CONDIÇÕES DE GÊNERO NA CIDADE

URBAN IMAGINARIES AND THE LGBTQI+ GROUP: THE UNDERSTANDING OF GENDER CONDITIONS IN THE CITY

IMAGINARIOS URBANOS Y EL GRUPO LGBTQI+: LA COMPRESIÓN DE LAS CONDICIONES DE GÉNERO EN LA CIUDAD

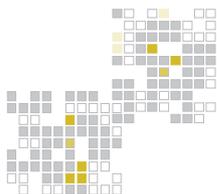
Beatriz Melo Franco Nery

- Mestranda no programa de Pós-graduação em Design da Universidade de Brasília (UnB).
- E-mail: beatrizmfner@gmail.com

Daniela Fávaro Garrossini

- Docente da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Seus trabalhos mais importantes são: Tecnopolítica e novos territórios de disputa: análise de uma guerra de posições (2019), Introdução à Teoria da Comunicação Educativa (2015).
- E-mail: dani.garrossini@gmail.com

100



RESUMO

Nesse artigo, tratamos das afecções do grupo LGBTQI+ e dos impactos de suas condições de gênero na teia social e nas estruturas simbólicas do espaço urbano. Para tal, trazemos comparações históricas de vivências urbanas LGBTQI+ no Brasil, com foco nas cidades de São Paulo e Brasília. Apresentamos, ao final, os resultados de uma pesquisa realizada a partir da metodologia de Imaginários Urbanos de SILVA (1992) em Brasília, demonstrando como seu uso pode trazer contribuições para a criação de ações afirmativas e políticas públicas que mitiguem as violências sofridas por este grupo no espaço urbano.

PALAVRAS-CHAVE: IMAGINÁRIOS URBANOS; LGBTQI+; CONDIÇÕES DE GÊNERO; CIDADE.

ABSTRACT

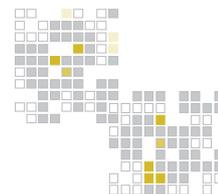
In this article we will discuss the affections of the LGBTQI+ group and the impacts of their gender conditions in the social web and symbolic structures of urban space. For this purpose, we bring historical comparisons of LGBTQI+ urban experiences in Brazil, focusing on the cities of São Paulo and Brasília. At the end we present the results of a research carried out based on the Urban Imaginaries methodology of SILVA (1992) in Brasília, demonstrating how its use can bring contributions to the creation of affirmative actions and public policies that mitigate the violence suffered by this group in the urban space.

KEYWORDS: URBAN IMAGINARIES; LGBTQI+; GENDER CONDITIONS; CITY.

RESUMEN

En este artículo abordamos los afectos del grupo LGBTQI+ y los impactos de sus condiciones de género en la red social y estructuras simbólicas del espacio urbano. Para eso, hicimos comparaciones históricas de experiencias urbanas LGBTQI+ en Brasil, con un enfoque en las ciudades de São Paulo y Brasília. Al final del artículo, presentamos los resultados de una encuesta realizada con base en la metodología de los Imaginarios Urbanos de Silva (1992) en Brasília, demostrando cómo su uso puede contribuir a la construcción de acciones afirmativas y políticas públicas que mitiguen la violencia que sufre este grupo en el espacio urbano.

PALABRAS CLAVE: IMAGINARIOS URBANOS; LGBTQI+; CONDICIONES DE GÊNERO; CIUDAD.



1. Introdução

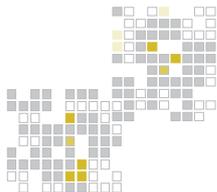
Ao trabalhar com condições de gênero no espaço urbano é importante pontuar que o grupo LGBTQI+ sofre historicamente com uma lacuna de dados oficiais, algo que sempre apresentou obstáculos para o trabalho de pesquisa, elaboração de ações afirmativas e de políticas públicas com esse foco. Tal lacuna por vezes traz o apagamento desse grupo, e esse é frequentemente o lugar dos obstáculos: como compreender experiências cuja falta de registro oficial de fácil acesso foi e ainda é, muitas vezes, inexistente?

Atualmente muitas pesquisas da área buscam a coleta e análise desses dados, de maneira que essa lacuna possa ser superada. Alguns exemplos disso no panorama brasileiro incluem a primeira “Pesquisa Nacional por Amostra da população LGBTI+” realizada pelo Instituto TODXS em 2019 e publicada em 2020. A pesquisa é apresentada como um censo da população LGBTQI+ brasileira, mas os próprios autores demonstram e discorrem sobre a dificuldade de gerar dados oficiais como estes, uma vez que este grupo está presente em diversas camadas sociais, e possui tantos outros fatores identitários e sociais como variáveis definidoras de suas experiências. Alcançar pessoas LGBTQI+ negras, periféricas, e/ou de classes econômicas mais baixas é uma tarefa difícil que, atualmente, impossibilita a compreensão abrangente que uma pesquisa nacional por amostra se propõe a proporcionar (TODXS, 2021). Apesar desse fato, há uma constante busca por alternativas com pesquisas que resgatam e analisam acontecimentos históricos, e até pesquisas como demonstradas no artigo intitulado “Operação semiótica da categoria gênero: proposta de um modelo teórico-metodológico” publicado pela pesquisadora Adriana Baggio na Revista Galáxia (BAGGIO, 2020), que propõe uma estrutura de quadrado semiótico para a análise das categorias de identidade de gênero e expres-

são de gênero – uma abordagem que também não depende necessariamente do contato ou de respondentes em maior vulnerabilidade social. Esse panorama nos inspira a seguir buscando cada vez mais possibilidades de investigação que superem essas barreiras, e trabalharemos com tal perspectiva ao longo deste artigo, trazendo referências de mais pesquisas que demonstram o cenário.

A partir de dificuldades como as encontradas pelas pesquisas citadas, percebemos a relevância do olhar cidadão na busca pela compreensão das experiências urbanas do grupo LGBTQI+. Lembramos, então, que a teia social confere à cidade sua forma em constante redefinição, e é o ponto de partida da metodologia dos Imaginários Urbanos (SILVA, 1992), onde a Cidade Imaginada representa as estruturas simbólicas construídas por seus cidadãos em suas vivências cotidianas. Percebemos que o estudo das vivências cidadãs LGBTQI+ nessa metodologia nos possibilita uma nova compreensão dos impactos de condições de gênero nas experiências urbanas. Para analisar históricos urbanos LGBTQI+, traremos alguns acontecimentos históricos como foco, principalmente nas cidades de São Paulo e Brasília. Apresentamos ao final um exemplo do uso da metodologia dos Imaginários Urbanos (SILVA, 1992), em pesquisa piloto aplicada em Brasília que pode trazer contribuições para a criação de ações afirmativas e políticas públicas que mitiguem as violências sofridas pelo grupo LGBTQI+ no espaço urbano.

Compreendemos o tecido urbano como um ecossistema que oferece suporte às formas de vida presentes no tal (LEFEBVRE, 2011). Entendemos tais formas de vida como cidadãos que compõem a teia social presente em cada cidade. A teia social é responsável pela constante construção, significação, reconstrução e ressignificação do tecido urbano e de suas estruturas simbólicas (SILVA, 1992). Dessa forma, os cidadãos desenvolvem, a partir de sua relação com a cidade, seus próprios



sistemas de objetos e valores (LEFEBVRE, 2011), levando à emergência de novos signos e processos comunicativos (SILVA, 2006).

Investigar as relações entre cidadão, cidade e o que é externo a estes (o outro) permite a formação de um retrato das estruturas urbanas e de suas transformações simbólicas. Tal retrato é compreendido como os imaginários urbanos, sendo estes conjuntos de processos comunicativos existentes nestas relações e compostos por imagens, signos e objetos do pensamento cujo alcance, coerência e eficácia pode variar e cujos limites se redefinem sem cessar (SILVA, 1992, p.17). Os imaginários urbanos têm como base três acepções que trabalharemos neste artigo como pontos de partida para a análise de experiências urbanas do grupo LGBTQI+. São elas, segundo SILVA (1992):

A pregnância simbólica da linguagem do espaço urbano, ou seja, a percepção dos processos simbólicos que se repetem e demonstram imagens fortes para o cidadão.

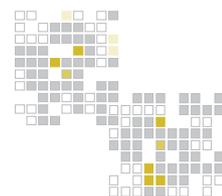
Inscrições psíquicas do espaço urbano como o caso de signos e processos simbólicos que se apresentam como “fantasmas urbanos” que permeiam e “assombram” a experiência urbana (SILVA, 2014).

A estrutura do espaço urbano como construção social que se redefine sem cessar a partir da teia social que constrói e reconstrói o espaço ao ocupar e se apropriar do tal.

Pretendemos demonstrar como a transformação e constante redefinição de condições e características de gênero marca a experiência urbana LGBTQI+ a partir das acepções dos imaginários urbanos. Ao ressignificar papéis de gênero, a mera existência de pessoas LGBTQI+ se torna uma ameaça ao poder público por desafiar suas normas e status quo. Daniel e Míccolis (1983, p.45) colocam que “o sexo é a continuação da política por outros meios”, e descrevem como todas as formas de vida diversas vistas no grupo social

LGBTQI+ trazem enfrentamento direto aos papéis de gênero cimentados na sociedade. Nesse ponto, percebe-se que ser homem ou mulher, assim como qualquer variante destes, não é necessariamente questão de um sexo biológico, mas da aquisição das “confusas ornamentações distintivas de cada sexo” (DANIEL; MÍCCOLIS, 1983).

As ornamentações, ou simplesmente condições de gênero, demonstram como o tal é uma atividade de performance por vezes inconsciente, uma prática de improvisação em meio às restrições sociais que são, por sua vez, aquilo que possibilita a formação do gênero em si, sem nenhum tipo de noção de autoria ou propriedade. O reconhecimento de um indivíduo como ser humano passa pelo seu gênero, com termos de reconhecimento que são articulados socialmente e estão em constante transformação (BUTLER, 2004). Em resumo: um homem, ao assumir papéis ou traços compreendidos como exclusivamente femininos, é percebido como motivo de chacota, riso e piada. Já uma mulher, ao assumir papéis de poder que são comumente atribuídos aos homens, é vista como perigosa e desafiante à moral e aos bons costumes (DANIEL; MÍCCOLIS, 1983). E, ainda, ao se encontrar em algum lugar entre o masculino e o feminino, ou fora destes, a sua existência vem a ser percebida como ainda mais ameaçadora ao buscar romper tal binariedade, apresentando a possibilidade dos papéis de gênero impostos se tornarem obsoletos. Esses exemplos demonstram algo explicado por Butler (2003) através de sua matriz heterossexual, que infere a necessidade dos corpos sociais de demonstrar uma coerência entre as categorias (consideradas estáveis) de sexo, identidade de gênero e expressão de gênero, além de determinar que relações afetivo-sexuais ocorrem obrigatoriamente entre sexos opostos. Os desvios dessa matriz fazem parte do gênero como atividade de performance percebida como o conjunto de diversas ações. Desde o uso de peças de roupa, acessórios, cortes de cabelo e outros



determinadas para uso de um gênero específico, à demonstração do desejo afetivo e sexual, ou tantos outros tipos de ações, possibilitam a emergência de processos comunicativos específicos deste grupo, marcados por símbolos e signos que adquirem significados únicos a estes processos. Esse conjunto de ações sociais é percebido, então, como uma performance que marca as categorias de expressão de gênero e orientação sexual, compondo identidades de gênero distintas.

É importante pontuar que as categorias de gênero e orientação sexual não são as únicas de importância aqui. Há outras camadas de complexidade que ditam muito a respeito das violências sofridas por esse grupo, sobretudo suas classes sociais e grupos raciais. Corpos que se apresentam em dissidência à esta matriz heterossexual seriam, portanto, alvo de violência, e de maneira ainda mais intensificada são percebidos os alvos de corpos dissidentes em raça e/ou classe social em conjunto à esta matriz. Podemos perceber tais violências nos relatórios anuais de mortes violentas de pessoas LGBTQI+ no Brasil publicados pelo Grupo Gay da Bahia, e nas publicações do projeto *Trans Murder Monitoring* iniciado em 2009 pela ONG *Transgender Europe*, que mantém dados atualizados de mortes violentas de pessoas transgênero no mundo todo.

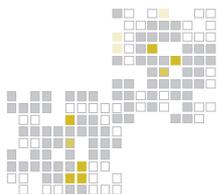
Pessoas transgênero e/ou travestis são os maiores alvos de violência, sendo estas ainda piores quando se trata de pessoas negras e periféricas. O número de assassinatos de pessoas transgênero no Brasil entre janeiro de 2008 e setembro de 2020 segundo o *Trans Murder Monitoring* (2020) é de 1.520, mais de um terço do número total de assassinatos reportados globalmente (3664), tornando o Brasil o país com o maior número de assassinatos de pessoas transgênero reportados no mundo. A cada 26 horas uma pessoa LGBTQI+ é assassinada ou comete suicídio como vítima de LGBTfobia no Brasil, sendo, portanto, o país que mais mata pessoas LGBTQI+ no mundo, supe-

rando inclusive números de mortes reportadas dos 13 países do Oriente Médio e da África onde práticas homossexuais e de dissidência de gênero podem ser punidas com pena de morte (OLIVEIRA, 2019).

No contexto eleitoral e pós-eleitoral brasileiro de 2018 e 2019 houve uma alta no número de incidentes violentos contra pessoas LGBTQI+, principalmente em casos de assédio moral, violência verbal e tratamento discriminatório. Foram mais afetadas pessoas com identidades de gênero dissidentes como travestis, mulheres e homens trans, e pessoas não-binárias, sobretudo negras e de classes sociais mais baixas, com uma média de três incidentes por indivíduo durante os períodos eleitoral e pós-eleitoral. É importante considerar que os discursos discriminatórios do então candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro contra o grupo LGBTQI+ ampliaram o alcance da LGBTfobia presente diariamente nas vidas de pessoas pertencentes a este grupo, principalmente nas ruas (GÊNERO E NÚMERO, 2019).

Durante os meses de campanha, a expressão da violência contra essa população ganhou novos formatos, como ameaças que se utilizavam de propostas de campanhas anti-LGBTQI+ nas ruas, o uso de gestos simulando armas de fogo e a elaboração de informações falsas ou ofensivas com o objetivo de produzir pânico morais envolvendo gênero e sexualidade. (GÊNERO E NÚMERO, 2019, p.61)

Essa longa, mas nunca desnecessária, introdução, apresenta a situação dos corpos LGBTQI+ no espaço da urbe, demonstrando o aumento na frequência e intensidade de diversos tipos de discursos e incidentes LGBTfóbicos. Os dados relacionados à assassinatos e suicídios desse grupo se apresentam como criação de novas inscrições psíquicas que se engendram no cotidiano de



pessoas LGBTQI+. Os dados, notícias e vivências de violência urbana assombram esse grupo como um fantasma urbano, transformando também a pregnância simbólica da urbe com o surgimento e constante manutenção de símbolos e discursos de violência como os gestos simulando armas de fogo e os constantes atos de assédio moral e físico sofridos por pessoas LGBTQI+ e noticiados diariamente. Essas transformações têm impactos significativos na teia social, principalmente nos cidadãos com condições de gênero dissidentes. Esse impacto pode ser percebido em toda a estrutura do espaço urbano.

2. Um breve histórico de vivências urbanas LGBTQI+ em São Paulo e Brasília

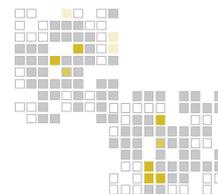
A experiência urbana LGBTQI+ no Brasil é marcada pela violência desde o início do crescimento do movimento social LGBTQI+. Após o acontecimento histórico da Revolta de *Stonewall*, em Nova York em 1969, inicia-se lentamente o movimento de libertação sexual no Brasil ao longo da década de 1970, após a abertura política. Na primeira metade da década, os movimentos feminista e negro começam a ganhar evidência e, ao final da década de 1970, a homossexualidade - sendo o rótulo de **homossexual** aplicado a qualquer pessoa que desafiasse a matriz heterossexual (BUTLER, 2004) - começa a ter grupos de movimento civil mais organizados a seu respeito. Assim surgem publicações importantes como o jornal homossexual *Lampião da Esquina* (1978-1981) e a revista sáfica *ChanacomChana* (1981-1985).

O jornal *Lampião da Esquina* foi fundado por um grupo de homens homossexuais brancos de classe média-alta que contava com jornalistas, artistas, poetas, cineastas, críticos e outros, que, apesar de sofrerem violências constantes, usufruíam de privilégios expressivos de classe e raça. Ao longo de suas edições, o jornal passou a contar com contribuições de algumas mulheres

bissexuais e lésbicas. O *Lampião* pode ser considerado parte do estopim para o crescimento do movimento social LGBTQI+ no Brasil, tendo sido distribuído em centros urbanos de todo o país ao longo de sua curta existência e alcançando corpos dissidentes em todas as regiões do Brasil, de diversas classes sociais e grupos raciais. Essa apropriação do espaço urbano trouxe impactos para a pregnância simbólica do tal, percebidas quando a publicação rapidamente se tornou uma maneira de pessoas LGBTQI+ se encontrarem e conectarem no espaço urbano, gerando uma rede nacional que era capaz de mapear lugares “GLS¹” ou “*gay-friendly*” e de divulgar as cenas LGBTQI+ de diversas capitais brasileiras, impactando estruturalmente o uso da urbe.

O *Lampião* potencializou e amplificou a ocupação de espaços urbanos por pessoas LGBTQI+ durante seus anos de circulação e foi responsável pelo fortalecimento desse movimento social e transformação da urbe por vários anos após o encerramento da publicação. Através da mobilização proporcionada pelo jornal surgem grupos como o Grupo Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, coordenado e organizado por membros do conselho editorial do jornal *Lampião da Esquina*. O Grupo Somos é considerado o primeiro grupo formal de movimento social LGBTQI+ no Brasil, e a partir da criação deste surgem diversos outros. Essa teia social LGBTQI+ fortalece suas conexões se apropriando de lugares *gay-friendly* em várias capitais brasileiras, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, publicados e divulgados no *Lampião da Esquina* para a realização de diversas reuniões e debates informais. Esse processo culmina no primeiro encontro da militância LGBTQI+ no Brasil realizado

1 Sigla que significa **Gays, Lésbicas e Simpatizantes**, inicialmente usada no Brasil como sinônimo para o termo *gay-friendly* e eventualmente utilizada para fazer referência ao grupo antes do surgimento da sigla LGBT.



na cidade do Rio de Janeiro em 1979, no qual se discute a importância da inclusão na nova Constituição Federal em debate, do **respeito à opção sexual**. Debateu-se, também, a necessidade de uma campanha para que a homossexualidade deixasse de ser considerada uma doença pela medicina brasileira. Podemos perceber como essa teia social LGBTQI+ passa a se apropriar da urbe como espaço de discussão e debate de maneira cada vez mais ampliada.

Ao longo desse período surgem, além de locais de encontro e debate, cada vez mais casas noturnas e boates LGBTQI+ nas capitais brasileiras fortemente divulgadas no jornal *Lampião da Esquina*. Na capital federal de Brasília, a primeira boate LGBTQI+ a ser inaugurada é a *New Aquarius*, em 1979, localizada no Conic, prédio do Setor de Diversões da cidade de Brasília, local considerado um dos maiores pontos de convivência desse grupo, palco de suas vivências urbanas na capital federal até a atualidade. O Conic é, até os dias atuais, um berço para as atividades performáticas de gênero e orientação sexual no Distrito Federal, contando com diversos estabelecimentos e locais de convivência da população LGBTQI+. Em contraponto dicotômico claro ao Conic, existe o Conjunto Nacional, espaço convertido em *shopping center* nos anos 1980 que é frequentado por famílias e grupos sociais que aderem à matriz heterossexual (BUTLER, 2014), do qual trataremos na próxima seção deste artigo. Surgem nos centros urbanos brasileiros diversos tipos de estabelecimentos que assumem tags GLS para sinalizar seu apoio ao movimento LGBTQI+, que na época ainda não se utilizava desta sigla². Um desses estabelecimentos era o famoso Bar Beirute, ainda em funciona-

mento atualmente na capital federal. Os grupos LGBTQI+ da cidade ocupavam as mesas do Beirute com afincos, sendo local típico tanto para encontros de casais, como para debates em grupos do movimento social. Em 1979 um casal homossexual foi convidado a se retirar do Bar Beirute após se beijarem diante dos outros fregueses. Alguns dias depois um grupo composto de diversos casais homossexuais ocupou o Bar Beirute e realizaram o que ficou conhecido como **beijaço**. Este evento deu origem ao primeiro movimento social LGBTQI+ organizado em Brasília: o Beijo Livre. Em 2019, o movimento Beijo Livre foi homenageado na 22ª Parada do Orgulho LGBT de Brasília, contando com a presença de um de seus fundadores, Alexandre Ribondi, e do atual dono do Beirute, Francisco Frota Marinho.

Esse tipo de acontecimento se repete na história do grupo LGBTQI+, de *Stonewall* e além do Ferro's Bar, cidade de São Paulo, onde, em 1983, ocorre o acontecimento histórico que dá a data ao Dia Nacional do Orgulho Lésbico no Brasil. No centro urbano da capital de São Paulo, o Ferro's Bar se torna o ponto de encontro para as lésbicas ativistas da cidade, com reuniões ligadas aos primeiros grupos lésbicos do Brasil, o Grupo Lésbico Feminista (LF) e o Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF), que revolucionaram como as mulheres eram vistas e tratadas na época, tanto no movimento homossexual, quanto no movimento feminista. Foram essas mulheres que elaboraram a primeira publicação lésbica brasileira, a revista *ChanacomChana*, que impactou e movimentou as mulheres e suas apropriações dos espaços urbanos principalmente no centro de São Paulo. As lésbicas frequentavam o Ferro's Bar na rua Martinho Prado próximo ao cruzamento com a rua da Consolação, uma área que é muito frequentada pelo grupo LGBTQI+ até os dias atuais. Apesar das inúmeras ameaças que continuaram por meses por estarem distribuindo a publicação *ChanacomChana* no local, elas

2 A sigla LGBT passou a ser amplamente usada pelos movimentos sociais e pelo governo brasileiro a partir do acordo na Primeira Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais realizada em Brasília no ano de 2008 (SENADO FEDERAL, 2019).

não desistiram de utilizar o espaço. Até que, no dia 23 de julho de 1983, os donos do estabelecimento tentaram expulsá-las. Respondendo a essa tentativa agressiva de expulsão, o grupo GALF, liderado por Rosely Roth, organizou a retomada do bar, evento conhecido como o **Stonewall brasileiro**, tendo sido amplamente divulgado posteriormente pelos jornais. Foi assim que, no dia 19 de agosto de 1983, as lésbicas ocuparam o Ferro's Bar e afirmaram seu espaço, publicando logo após disso a edição da revista ChanacomChana (1983) detalhando todo o acontecimento.

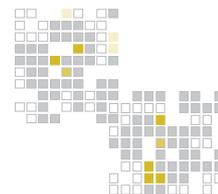
A ocupação e apropriação dos espaços da cidade para essas manifestações, debates, encontros, entretenimento e até a necessidade de marcar lugares de simples atividades cotidianas como GLS, são exemplos de impactos na estrutura do espaço urbano como construção social. Essa área específica na cidade de São Paulo, onde a rua Augusta é cruzada pela Avenida Paulista, desde essa época cria dois espaços urbanos com estruturas completamente distintas, apesar de próximas. O bairro Consolação fica na parte considerada **baixa** da rua Augusta, um local conhecido como **Boca do Lixo** que desde o final dos anos 1970 é repleto de galerias de arte, casas de prostituição e praças também usadas para este fim, bares e boates comumente LGBTQI+ - e continua sendo frequentado dessa forma. Do lado oposto, temos o bairro Jardins, conhecido como **Boca do Luxo** onde existem ruas como a Oscar Freire, repletas de lojas de artigos de luxo e grifes frequentadas pela elite paulistana. Os nomes coloquiais destes espaços são derivados do coloquialismo **boca de fumo** como local de venda de drogas ilícitas e circulação de corpos dissidentes seja por identidade e/ou expressão de gênero, orientação sexual, classe social ou grupo racial.

É perceptível a emergência de processos comunicativos únicos ao grupo LGBTQI+ brasileiro nesta época, como comparado por Nestor Perlongher (1987) que traz reflexões sobre as

transformações no espaço urbano de São Paulo na segunda metade do século XX. Percebemos que o movimento de libertação sexual entre 1979 e 1983 alterou visivelmente as paisagens dos centros urbanos brasileiros, demonstrando a pregnância simbólica de um imaginário que não era presente anteriormente: o da dissidência de gênero e sexualidade. Perlongher (1987) compara essas transformações com outras advindas de centros urbanos estadunidenses como São Francisco, na Califórnia, e demonstra que os guetos LGBTQI+ brasileiros tem características distintas dos estadunidenses, sendo estes últimos baseados na concentração de pessoas homossexuais em locais **residenciais** que se tornam bairros pouco frequentados pela parte da teia social que segue a matriz heterossexual (BUTLER, 2004), enquanto os guetos brasileiros são baseados na vida noturna com boates, casas noturnas e saunas gays localizadas em **centros comerciais**, vistas e por vezes frequentadas por trabalhadores do centro que buscam seguir a matriz heterossexual durante o dia, e que, durante a noite, em seus desvios da matriz, usufruem principalmente da prostituição de corpos dissidentes periféricos (PERLONGHER, 1987). Esse fenômeno é percebido na cidade de São Paulo com a **Boca do Lixo** e a **Boca do Luxo**, e também na cidade de Brasília com o espaço do Setor de Diversões e suas estruturas espelhadas do Conic e do Conjunto Nacional – falaremos desses últimos na seção a seguir para exemplificar a aplicação da metodologia dos Imaginários Urbanos (SILVA, 1992) nesse contexto.

3. Aplicação da metodologia no contexto das experiências urbanas LGBTQI+ em Brasília

Ainda é um desafio compreender o que está por trás destas distinções e especificidades na apropriação e ocupação de espaços urbanos por pessoas LGBTQI+ a partir de dados empíricos. No censo do Instituto Brasileiro de Geografia e



Estatística (IBGE) a única pergunta relacionada à orientação sexual foi introduzida em 2010, onde pode-se identificar lares habitados por casais do mesmo sexo. Além disso, existem poucos relatórios brasileiros governamentais relacionados ao grupo LGBTQI+ no Brasil. A pesquisa demográfica tem sido realizada, majoritariamente, por organizações não-governamentais. A primeira Pesquisa Nacional por Amostra da População LGBTQI+ foi realizada em 2019 e publicada em 2020 pelo Instituto TODXS, e relata a dificuldade de alcançar principalmente aqueles que são alvo de maior violência: indivíduos periféricos, em sua maioria pessoas negras com dissidências de gênero como travestis, mulheres e homens transgênero.

Nesse cenário, apresentamos a metodologia dos imaginários urbanos como alternativa para buscar dados do imaginário que auxiliem na compreensão da experiência urbana LGBTQI+, abrindo portas para o desenvolvimento de ações afirmativas e políticas públicas em centros urbanos. Como exemplo, trazemos a pesquisa intitulada *Dicotomia através do espelhamento: contrastes do Conic e do Conjunto Nacional* desenvolvida pelo Laboratório de Urbanidades e Design da Universidade de Brasília em 2018. Nela, investigamos dois edifícios localizados no Setor de Diversões de Brasília, estruturas arquitetônicas que foram idealizadas e construídas de forma perfeitamente espelhada para cumprir o mesmo papel: centro comercial, de lazer e diversões localizado no encontro dos eixos Monumental e Rodoviário da cidade. As ocupações destes espaços mudaram muito ao longo das décadas. Como já

mencionado anteriormente, o Conic virou casa da boate LGBTQI+ New Aquarius em 1979, e esta foi acompanhada de outros bares e estabelecimentos reconhecidos como GLS na época. Em contrapartida, o Conjunto Nacional foi transformado no final da década de 1970 e começo da década de 1980 em um *shopping center*, passando por reformas com mudanças significativas em sua estrutura onde foram introduzidas luzes fluorescentes, chão e paredes brancos, e corredores com grandes lojas típicos desses espaços.

Ligados por uma passarela com vista para o Eixo Monumental, o Conic e o Conjunto Nacional trazem uma representação facilmente visível das dicotomias encontradas em Brasília (Figura 1). Nesta pesquisa foi realizada uma dinâmica de mapeamento com perguntas baseadas na metodologia dos Imaginários Urbanos (SILVA, 1992), divididas entre as três acepções aqui apresentadas. Com um total de 23 perguntas (Figura 2), a pesquisa buscava compreender onde a teia social reconhecia a presença de locais perigosos, seguros, sujos, limpos, tristes, alegres, de esperança, de medo, entre outros como parte da pregnância simbólica da linguagem desse espaço. Buscávamos compreender também onde eram mais presentes no imaginário algumas camadas identitárias, como: homens, mulheres, jovens, crianças, idosos, e o grupo LGBTQI+, como parte das inscrições psíquicas presentes no território. Por fim, as últimas perguntas tinham como foco a percepção acerca da presença de estruturas relacionadas à lazer, cultura, comida, compras, trabalho, entre outros.

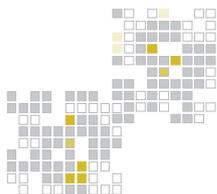
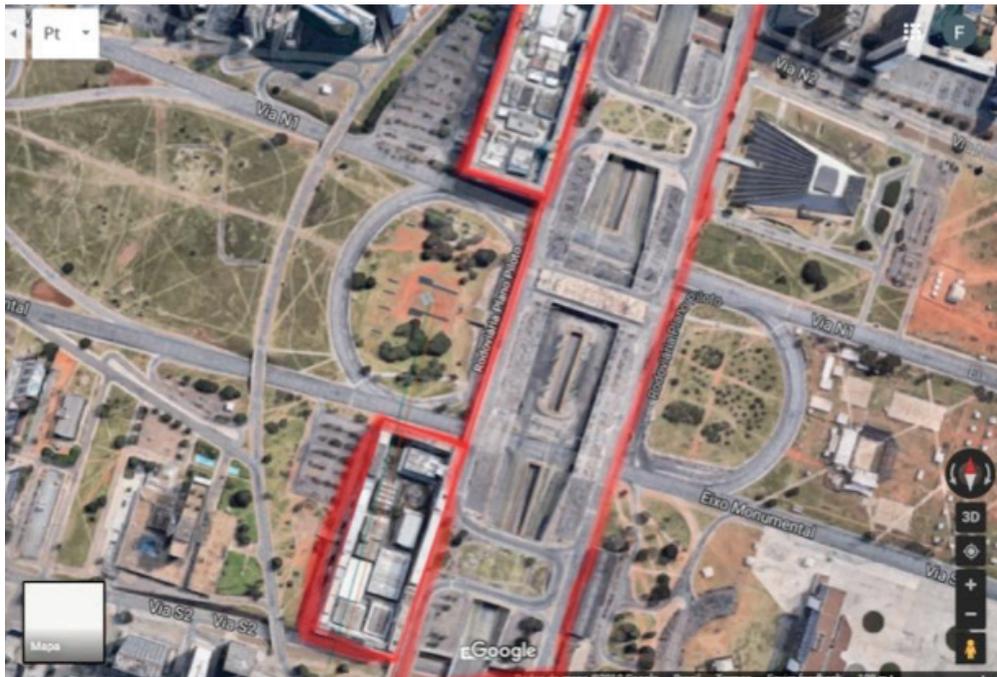


Figura 1. Mapa do Setor de Diversões de Brasília.

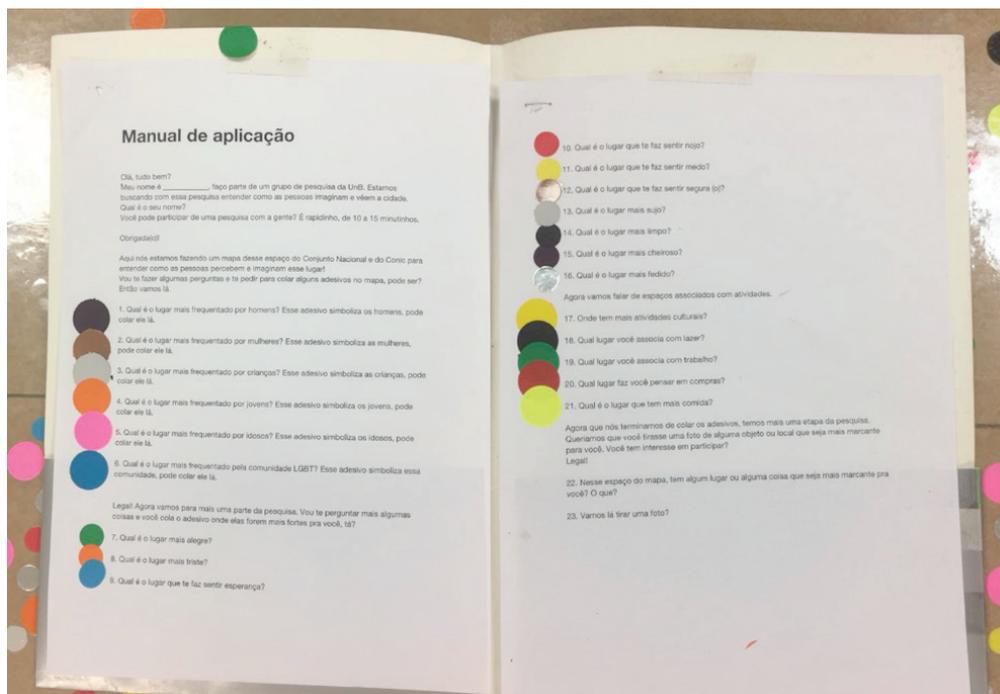


Fonte: Santos e Garrossini (2019)

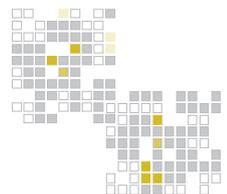
Adaptando o questionário base dos Imaginários Urbanos (SILVA, 2006), a aplicação foi realizada com uma dinâmica de cartografia coletiva, contando com o uso de um mapa que representa-

va o espaço urbano em questão, onde adesivos de diferentes cores e tamanhos eram então colados no mapa pelos respondentes, sinalizando suas respostas à cada pergunta.

Figura 2. Manual de aplicação da pesquisa.



Fonte: Próprias autoras.



A pesquisa foi construída de forma participativa em conjunto com um grupo de estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade de Brasília. Em um único dia de aplicação foram

coletadas mais de 900 respostas válidas (Figura 3) e a dicotomia entre o Conic e o Conjunto Nacional pôde ser percebida facilmente nos dados dos imaginários captados.

Figura 3: Mapa de respostas, sendo o Conjunto Nacional representado do lado esquerdo e o Conic representado do lado direito.



Fonte: Próprias autoras.

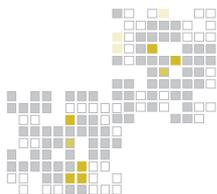
O Conjunto Nacional aparece como o local mais frequentado por homens, mulheres, crianças e idosos - grupo interpretado como família. É também percebido como o local mais limpo e seguro, associado às compras e ao lazer. Já o Conic aparece como local mais frequentado por jovens e pelo grupo LGBTQI+, percebido como sujo e perigoso, associado ao trabalho, à cultura, ao medo e à esperança.

Os dados primários do exemplo de aplicação apresentado corroboram com a percepção inicial deste trabalho, demonstrando fantasmagorias que assombram a teia social nos corredores do Conic e do Conjunto Nacional, e isso inclui a associação do grupo LGBTQI+ e seus corpos dissidentes àquilo que é motivo de perigo, que é sujo e provoca medo, enquanto o Conjunto Nacional é associado à família em lazer neste espaço limpo e seguro. Interpreta-se que este imaginário é mais uma vez condizente com a matriz heterossexual (BUTLER, 2004) e demonstra novamente a LGB-Tfobia encontrada diariamente nas ruas. Esses

processos simbólicos são de alta pregnância, e a metodologia trabalhada nos proporciona compreender **quais** aspectos da experiência urbana são mais pregnantes em espaços distintos. Nesse caso, podemos visualizar e compreender o Conic como um espaço representativo do grupo LGBTQI+ nos imaginários urbanos e analisar seus pontos mais críticos, vislumbrando assim possíveis ações para melhorar a qualidade de vida urbana desse grupo nos espaços investigados. Entendemos então que, com dados do imaginário, é possível alcançar problemas vividos por diversos grupos em vulnerabilidade, incluindo os corpos dissidentes que sofrem, por exemplo, com as associações do imaginário urbano do Conic e do Conjunto Nacional.

4. Considerações finais

A partir da pesquisa aplicada na cidade de Brasília, e utilizando os dados recuperados sobre a cidade de São Paulo podemos afirmar que as condições de gênero do grupo LGBTQI+ trazem



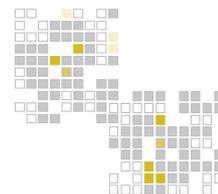
uma perspectiva de impacto que marca o espaço urbano com caracterizações como sujo, perigoso e, em oposição a estes, dados que trazem processos culturais como fundamentais a este grupo. A partir dos dados encontrados inicialmente e vinculados à pesquisa em desenvolvimento, percebe-se a possibilidade de um aprofundamento onde se abre espaço para a construção de uma relação de apropriação assertiva do grupo LGBTQI+ que se amplie para além da estratégia dos guetos, podendo potencializar a ocupação de todo o espaço urbano e não somente espaços vinculados ao medo, perigo e violência.

O contexto de violência nos faz perceber o grupo LGBTQI+ como vulnerável no decorrer de suas vivências urbanas. Os assédios morais, verbais e físicos sofridos por esse grupo são parte de seu cotidiano e profundamente engendrados nas estruturas simbólicas do espaço urbano, como pudemos demonstrar nesse artigo. Esse cenário nos impulsiona a buscar novas maneiras de investigar as experiências urbanas desse grupo, possibilidades de compreensão que sejam capazes de superar obstáculos e barreiras encontrados na lacuna de dados oficiais para a construção de ações afirmativas. Os dados do imaginário urbano apresentam grande potencial de contribuição para tal, sendo capazes de mapear e demonstrar pontos críticos da vivência urbana deste grupo aportando a partir de novas perspectivas metodológicas uma visão sistêmica e holística sem minimizar a importância de um estudo quantitativo, algo percebido como um dos maiores desafios das pesquisas na área. Isso significa que é possível, então, ter a visão ampliada não só sobre a apropriação da urbe por esse grupo, mas também a visualização de locais e contextos específicos que representam diversos tipos de dificuldades enfrentados pelo grupo. A adaptação metodológica possibilita, inclusive, diagnosticar através

dos imaginários estes pontos críticos específicos, incluindo aqueles relacionados ao contexto socioeconômico e raça dos indivíduos que compõe essa teia social.

Procuramos dar continuidade às pesquisas desse tema ampliando essa adaptação metodológica apresentada para possibilitar a coleta de dados dos imaginários urbanos que englobem claramente dados relacionados às experiências urbanas do grupo LGBTQI+ em suas especificidades de identidades e expressões de gênero, orientações sexuais, classes sociais, raça, e relação entre periferia e centro. Compreendemos que, ao cruzar esses dados no âmbito dos imaginários urbanos, é possível vislumbrar leituras, análises e sínteses que vão além das dificuldades e lacunas apresentadas. A elaboração e teste dessa proposta metodológica é tema da dissertação de mestrado que vem sendo desenvolvida neste projeto, com mais publicações também em desenvolvimento.

Buscamos que a metodologia de imaginários urbanos, ao ser trabalhada desta forma, possa proporcionar novas compreensões da experiência urbana de grupos em vulnerabilidade como o grupo LGBTQI+. Compreendemos que os dados da metodologia dos imaginários urbanos têm grande potencial para embasar e auxiliar na construção de ações afirmativas e políticas públicas que beneficiem tais grupos, e esperamos que esta contribuição possibilite a mitigação das violências sofridas por essa parcela da população. Essa pesquisa faz parte de um projeto que envolve uma dissertação de mestrado e outras publicações nas quais buscamos apresentar uma proposta de adaptação metodológica dos Imaginários Urbanos (SILVA, 1992) para possibilitar a realização de mais pesquisas como a apresentada neste artigo, com crescente complexidade e abrangência.



Referências

- ACERVO BAJUBÁ, Memória LGBT. *ChanacomChana*: todos os volumes. Disponível em: <<https://acervobajuba.com.br/?s=chanacomchana>> Acesso em 10 abr. 2021.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. Nova York, Routledge, 2004.
- DANIEL, Herbert. MÍCCOLIS, Leila. *Jacarés e Lobisomens*: dois ensaios sobre a homossexualidade. 1. ed., Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- GÊNERO E NÚMERO. *Violência Contra LGBTs+ nos Contextos Eleitoral e Pós-Eleitoral*. Disponível em <<http://violencialgbt.com.br>> Acesso em 10 abr. 2021.
- GREEN, James, QUINALHA, Renan, CAETANO, Márcio, FERNANDES, Marisa. *A História do Movimento LGBT no Brasil*, São Paulo: Editora Alameda, 2018.
- GRUPO DIGNIDADE. *Lampião da Esquina*: todos os volumes. Disponível em <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>> Acesso em 10 abr. 2021.
- INSTITUTO TODXS. *Pesquisa Nacional por Amostra da População LGBTI+*: Identidade e perfil sociodemográfico. Disponível em <<https://mailchi.mp/524a998ccd41/pesquisanacionaltodxs>> Acesso em 10 abr. 2021.
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Centauro, 2011.
- OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. *Mortes violentas de LGBTI+ no Brasil – 2019*: Relatório do Grupo Gay da Bahia/José Marcelo Domingos de Oliveira; Luiz Mott., 1. ed., Editora Grupo Gay da Bahia, Salvador, 2020.
- PEDROSO, Laíse. BRAGA, Tatyanna. *Pesquisa Mercadológica sobre as boates LGBT de Brasília*. Intercom, 2012. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2012/expocom/EX31-0015-1.pdf>> Acesso em 10 abr. 2021.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 1. Ed., Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.
- RIBONDI, Alexandre. *Bandeira LGBT hasteada no Beirute*. Disponível em <<https://brasiliarios.com/colunas/65-alexandre-ribondi/1102-bandeira-lgbt-hasteada-no-beirute>> Acesso em 10 abr. 2021.
- SANTOS, Fátima Aparecida dos. GARROSSINI, Daniela. Diagramas da cidade: experimentações gráficas e análises semióticas. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 42, 2019. *Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Belém: Universidade Federal do Pará (UFPA), 2019. v.1, p.1-15.
- SENADO FEDERAL. *Entenda o assunto – LGBT*. Disponível em <<http://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/lgbt>> Acesso em 10 abr. 2019.
- SILVA, Armando. *Imaginários Urbanos*. Primera edición. Editorial Tercer Mundo, 1992.
- _____. *Imaginarios, el asombro social*. Quito: CIESPAL, 2014.
- _____. *Imaginarios urbanos: hacia la construcción de un urbanismo ciudadano*. Metodología. Bogotá: Convenio Andrés Bello, Universidad Nacional de Colombia, 2006.
- TRANSGENDER EUROPE. *Trans Murder Monitoring*. Disponível em <<https://transrespect.org/en/trans-murder-monitoring/>> Acesso em 10 abr. 2021.

